



AVALIAÇÃO

dos Cursos de formação de novas lideranças das populações-chave visando o controle social do Sistema Único de Saúde no âmbito do HIV/AIDS e da iniciativa Força-Tarefa Jovens Lideranças Zero Discriminação.

SUMÁRIO

Prefácio	04
Agradecimentos	08
Introdução	09
A estratégia de envolvimento de jovens na resposta ao HIV	13
Metodologia	18
Acompanhamento e continuidade das ações dos/as jovens	19
Sucessos	20
Desafios	31
Força-Tarefa Jovem – Zero Discriminação: Até o fim da epidemia	37

PREFÁCIO

PARA NOVOS DESAFIOS, NOVAS LIDERANÇAS

Os dados são claros: os jovens vêm sendo mais impactados pela epidemia de AIDS no mundo todo. O Boletim Epidemiológico sobre HIV e AIDS do Ministério da Saúde, divulgado em 2016, indica que, de 2006 a 2015, os casos de AIDS triplicaram na população masculina de 15 a 19 anos. Nos homens brasileiros com 20 a 24 anos, a taxa de detecção praticamente dobrou: 15,9 para 33,1 por 100 mil habitantes.

É preciso evoluir. Fazer mais do mesmo não é uma opção. Por isso, nós juntamos as forças do Departamento de IST, Aids e Hepatites Virais (DIAHV) do Ministério da Saúde e do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS) no intuito de inovar e promover iniciativas diferentes. Por diversos caminhos, chegamos à mesma conclusão: fortalecer o engajamento juvenil era necessário.

Avaliamos que o jovem de hoje enfrenta enormes desafios, incluindo perspectivas incertas de futuro devido à crise econômica, violência cotidiana, racismo, sexismo —para citar apenas alguns dentre inúmeros fatores. Esse mesmo jovem enfrenta também barreiras para expressar e vivenciar suas diferentes sexualidades e identidades de gênero e muitas vezes, têm pouco acesso à educação sexual.

Para contribuir com a reversão desse quadro, fizemos um processo de escuta ativa. Uma oficina foi organizada pelo DIAHV em 2014, envolvendo pesquisadores, representantes da sociedade civil, agências das Nações Unidas e gerências dos programas estaduais de AIDS. Ao mesmo tempo, o UNAIDS—com apoio da Delegação da União Europeia—iniciou uma série de diálogos virtuais com jovens para captar suas necessidades.

A conclusão foi a mesma: “ Queremos ser melhores líderes. Ter mais voz, ter mais força, trocar experiências.” Para alcançar esse ambicioso objetivo, convidamos outras agências da ONU que trabalham próximas aos jovens para participar desse esforço. Assim, em parceria com UNFPA, UNESCO e UNICEF, surgiu o Curso de Formação de Novas Lideranças das Populações-Chave Visando o Controle Social do Sistema Único de Saúde no âmbito do HIV/AIDS.

Com intuito de incluir os vários movimentos sociais na resposta à epidemia, um edital foi elaborado convocando jovens vivendo com HIV e também jovens de populações mais vulneráveis à epidemia de todas as partes do Brasil: incluindo movimentos de negros, indígenas, pessoas LGBT e trabalhadores do sexo.

A resposta superou as expectativas—mais de mil jovens se inscreveram para os treinamentos. Além da capacitação, a estratégia foi pensada para acompanhar esses jovens por um determinado

tempo—envolvendo-os em diferentes ações e também através da Força-Tarefa Jovem Zero Discriminação, um espaço online de discussão e articulação de jovens na resposta ao HIV. As três edições nacionais treinaram 140 jovens. Esses cursos foram replicados por iniciativa local em diversos Estados do país, aumentando ainda mais o número de jovens incluídos. A Força-Tarefa Jovem também abriu espaço para a inclusão de jovens que não participaram dos cursos, mas que queriam participar virtualmente.

A iniciativa vai na direção da visão defendida pelo Secretário-Geral da ONU, António Guterres. Durante o Fórum da Juventude em Nova York, em janeiro de 2017, ele destacou a importância de envolver os jovens nos desafios globais: “ Vocês inspiram a mudança, vocês têm talento, energia e ideais para evitar conflitos, defender os direitos humanos, garantir a paz e a realização da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável”, disse António Guterres.

A iniciativa foi ousada e um verdadeiro desafio. No entanto, pudemos observar de perto seus resultados um número crescente de jovens envolvidos em iniciativas locais, nacionais e até mesmo internacionais. Diversas campanhas com participação dessas novas vozes. Um número significativo de jovens que criaram diversos canais nas redes sociais para falar de sua vivência e convivência com o HIV de forma aberta. Também houve uma clara mudança

na narrativa do país, na percepção da necessidade de envolvimento do jovem.

O fortalecimento do diálogo e a articulação entre pessoas de diferentes contextos e regiões do Brasil foi um dos principais resultados da iniciativa. Essa diversidade e troca de informações ajudaram a aumentar a capilaridade das ações de resposta ao HIV no Brasil.

Em resumo, tais foram nossas percepções sobre essa experiência. No entanto, era necessário que o próprio jovem avaliasse a iniciativa. Por isso convidamos o Coletivo Mangueiras a fazer esta avaliação e redigir esse relatório. Para dar continuidade na mesma linha de ação: pelo jovem e para o jovem. O resultado está aqui nessas páginas e guiará as novas etapas desse trabalho extremamente necessário e gratificante.

Boa leitura!

Adele Benzaken

Diretora
Departamento de Vigilância,
Prevenção e Controle das IST, do
HIV/AIDS e das Hepatites Virais
Ministério da Saúde

Georgiana Braga-Orillard

Diretora
Escritório do UNAIDS no Brasil

AValiação dos cursos de formação de
novas lideranças das populações-chave
visando o controle social do SUS
no âmbito do HIV/AIDS e da iniciativa
Força-Tarefa Jovens Lideranças Zero
Discriminação.

AGRADECIMENTOS

Este relatório foi escrito por Ivens Reis Reyner, com apoio de Mariana Monteiro e foi possível com a liderança do Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV, Aids e das Hepatites Virais (DIAHV) e do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS). Também contou com o imenso apoio Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF).

Agradecemos também o tempo e participação dos/as jovens que contribuíram com as entrevistas que fundamentaram esse processo. Por fim, também agradecemos ao Coletivo Mangueiras – Jovens Feministas por Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos pela contribuição no desenvolvimento do processo e revisão durante a produção desse material, em especial a Mariana Monteiro, que diretamente auxiliou a produção deste.

INTRODUÇÃO

Desde a descoberta dos primeiros casos de infecção por HIV, o Brasil teve um papel fundamental na resposta global à epidemia. Porém, nos últimos anos, os números em relação às novas infecções no país mostram que as iniciativas de prevenção ao HIV/AIDS não têm trazido os resultados esperados, produzindo um aumento das novas infecções, especialmente entre a população jovem.

Na última década, de acordo com os dados do Boletim Epidemiológico sobre HIV/AIDS do Ministério da Saúde¹, é possível ver um aumento do número de novos casos de infecção pelo HIV entre homens jovens na faixa etária dos 15 aos 24 anos no Brasil. Entre os anos de 2004 e 2013 foi registrado um aumento de 53.2% das novas infecções pelo HIV entre jovens de 15 a 19 anos². Esse contexto, é resultado de uma série de fatores, incluindo ações na resposta ao HIV/AIDS que não são suficientes para atender a população jovem, em especial a população negra e indígena, travestis e transexuais, gays, homens que fazem sexo com homens (HSH), trabalhadoras do sexo e pessoas que usam álcool e outras drogas. Esse aumento pode ainda também ser reflexo da falta de envolvimento de jovens e do reconhecimento de suas necessidades na resposta ao HIV no Brasil.

Afinal, a juventude brasileira tem demandas específicas, quando se pensa o acesso a serviços de saúde. Além de se considerar a questão geracional, é também necessário considerar a grande diversidade existente entre os/as jovens. Ademais, a falta de dados com um recorte de raça/cor sobre o impacto do HIV na população, especificamente na população jovem, impossibilita o reconhecimento das especificidades da população negra. Esse contexto é ainda agravado pelas barreiras que a população jovem negra em relação à saúde, como

¹ Brasil, Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV, Aids e das Hepatites Virais, Ministério da Saúde. (2015). *Global AIDS Response Report*. Brasília, DF: Ministério da Saúde Brasileiro.

² *Ibid.*

o baixo acesso dessa população a serviços de saúde e os altos índices de mortalidade dessa mesma população no contexto brasileiro³. O perfil do/a jovem brasileiro/a mudou bastante nas últimas décadas, a forma de encarar a epidemia também, tanto por parte dos/das jovens, como por parte do Estado brasileiro. É aí onde está o nosso grande desafio.

A partir desse contexto, o Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV/Aids e das Hepatites Virais (DIAHV) em parceria com o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS), o Fundo de Populações das Nações Unidas (UNFPA), a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) iniciaram, em 2014, a estratégia de engajamento de jovens na resposta a epidemia de HIV/AIDS no Brasil, aqui referida apenas como Estratégia.

A Estratégia foi desenvolvida a partir da compreensão das agências e do DIAHV envolvidos da necessidade de fortalecer a abordagem a população jovem na resposta ao HIV. Parte chave desse processo foi a oficina organizada pelo DIAHV em agosto de 2014, envolvendo pesquisadores/as, representantes da sociedade civil (ONG IST/HIV/AIDS, LGBT e de Juventude), agências das Nações Unidas e gerências dos programas estaduais. O intuito da oficina era discutir ações de prevenção combinada, estratégias de ampliação de testagem, adesão ao tratamento e ações junto às populações de jovens gays, homens que fazem sexo com homens (HSH) e pessoas trans⁴. Como resultado desse processo, foram reconhecidas ações prioritárias na resposta ao HIV. Dentre elas, uma em especial foi fundamental para a criação dessa Estratégia: o desenvolvimento de novas metodologias na abordagem e

³ Souza, R., Marinho, O., & Melo, K. (2012). Acesso à saúde, promoção e prevenção ao hiv/aids e o recorte racial/ étnico: revisão bibliográfica (1995-2009). In *Saúde da População Negra* (pp. 266-286), Luís Eduardo Batista; Jurema Werneck e Fernanda Lopes (Orgs.). Brasília, DF: DP et Alii.

prevenção de HIV em jovens gays, trans e travestis⁵.

Nesse sentido, com o intuito de fortalecer as ações na resposta ao HIV com pessoas jovens, especialmente aquelas que também são parte das populações-chave, o DIAHV em parceria com o UNAIDS o UNFPA, a UNESCO e o UNICEF criaram o “Curso de Formação de Novas Lideranças das Populações-Chave Visando o Controle Social do Sistema Único de Saúde no âmbito do HIV/AIDS”. Os objetivos do curso foram:

- ✓ Fazer com que o/a jovem integre a resposta à epidemia de forma efetiva;
- ✓ Fazer com que o/a jovem esteja ainda mais presente e de forma sistemática na resposta brasileira à epidemia;
- ✓ Dar voz ao/à jovem, tanto em nível local (municípios, estado, conselhos de saúde) quanto em nível federal (participação junto ao Ministério da Saúde) e internacional (assento fixo no GT/UNAIDS; reuniões e treinamentos internacionais);
- ✓ Integrar jovens de outros movimentos no movimento de AIDS e para tanto foram selecionados jovens vivendo com HIV e jovens de movimentos de populações-chave;
- ✓ Integrar os/as jovens das populações-chave às redes e organizações da sociedade civil já existentes;
- ✓ Dar visibilidade ao/à jovem e ao trabalho do/a jovem através da mídia tradicional e mídias sociais;



O curso foi inicialmente pensando para 50 jovens, mas foi ampliado durante a implementação da Estratégia, sendo realizada três edições e envolvendo um público de aproximadamente 140 jovens de todas as regiões do Brasil. O curso faz parte de uma estratégia mais ampla, que envolvia também a criação da Força-Tarefa Jovem Zero Discriminação, um espaço online de discussão e articulação de jovens na resposta ao HIV. A Força-Tarefa Jovem, se utiliza de ferramentas como o Facebook e o WhatsApp para a comunicação de jovens que participaram ou não de um dos três cursos para ações coletivas sobre as demandas da juventude. A Força-Tarefa foi um espaço fundamental na criação do curso, já que os debates realizados lá contribuíram para o desenvolvimento dos conteúdos do curso.

Para reconhecer os sucessos e desafios desta estratégia, este processo avaliativo se fundamenta em escutar a perspectivas dos jovens envolvidos no processo e, a partir disso, gerar uma análise que possa abranger todas as partes dessa estratégia, desde o planejamento, passando pela condução dos cursos e as ações de continuidade. Para isso, o UNAIDS convidou um consultor externo, em parceria com o Coletivo Mangueiras – Jovens Feministas por Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos, para conduzir o processo de avaliação externa desta estratégia.

⁴De Jesus, B. (2015). *Desenvolvimento de uma proposta de estratégia para ampliação de oportunidades de diagnóstico do HIV junto a jovens gays, HSH e travestis tendo como referência o conhecimento produzido pelo: Projeto “Quero Fazer”, “Fique Sabendo” e outros projetos de testagem [PDF]. Brasília: Ministério da Saúde.*

⁵ *Ibid.*

De acordo com Jaime Nadal, Representante do UNFPA no Brasil:

"A possibilidade de treinar jovens lideranças é a possibilidade de criar um efeito multiplicador com jovens e com pessoas, que vão ter um ativismo e conhecimento em todos os

espaços, além de ter o conhecimento e atuar efetivamente na resposta ao HIV. Assim, se cria um movimento de jovens através de um efeito cascata, em que você treina um time e eles têm a responsabilidade de expandir, de participar em outros fóruns, em outros espaços da sociedade."



A ESTRATÉGIA DE ENVOLVIMENTO DE JOVENS NA RESPOSTA AO HIV

A estratégia de envolvimento de jovens na resposta ao HIV começou a se estabelecer desde meados dos anos 2000 através de uma série de eventos em todas as regiões do país. Em 2014, atingiu um ponto marcante com o lançamento do edital de participação do I Curso de Formação de Novas Lideranças das Populações-Chave Visando o Controle Social do Sistema Único de Saúde no âmbito do HIV/AIDS que ocorreu de 7 a 11 de maio de 2015. Esse curso teve seu foco em trazer jovens que já atuavam em seus territórios na resposta ao HIV e também integravam as populações-chave como gays, HSH, trans e travestis, trabalhadoras do sexo, e pessoas que usam álcool e outras drogas ou jovens que trabalham com redução de danos para a discussão sobre o HIV/AIDS.

O II Curso aconteceu entre 24 e 28 de setembro de 2015 e também tinha o seu foco nas populações-chave, reunindo jovens vivendo com HIV, junto a jovens ativistas pelos direitos humanos em suas diversas frentes. Já o III Curso ocorreu dos dias 23 a 27 de fevereiro de 2016 e tinha como foco o envolvimento de jovens estudantes da área da saúde e alguns já atuantes como trabalhadores da saúde, que foi uma demanda trazida pelos jovens participantes dos cursos 1 e 2. Os três cursos juntos trouxeram aproximadamente 140 jovens entre 18 e 26 anos para discutir temas relacionados ao HIV assim como estratégias de intervenção no nível local.

Os cursos foram compostos por diversos eixos de discussão com o intuito de construir um debate integral sobre a resposta ao HIV. Durante os três cursos, os temas variaram relativamente, porém alguns temas centrais foram discutidos em todos os três momentos.



Os temas foram:

- ✓ Panorama da Epidemia no Brasil e no Mundo e a Resposta Brasileira a epidemia de Aids;
- ✓ Populações-chave, determinantes sociais, estigma e discriminação
- ✓ Ativismo em HIV
- ✓ Conferências de saúde e espaços de atuação política
- ✓ Ativismo em HIV
- ✓ História do HIV/AIDS no Brasil
- ✓ Equidade, gênero e sexualidade
- ✓ HIV: diagnóstico, prevenção, tratamento e novas tecnologias
- ✓ Comunicação, redes sociais e ativismo
- ✓ Controle social do SUS

De acordo com a Dra. Adele Benzaken, Diretora do DIAHV:

“Os cursos de formação de novas lideranças das populações-chave possibilitaram maior entendimento sobre as especificidades e necessidades das juventudes pertencentes a essas populações-chave, a partir dessa compreensão, foi possível pensarmos novas abordagens e estratégias em relação ao engajamento social dos/as jovens no enfrentamento da epidemia de HIV/Aids. Os cursos contribuíram para o protagonismo dessas juventudes, ressignificando a nossa forma de escutar e entender suas demandas. A multiplicação das ações tornou-se possível por meio da comunicação contínua com esses/as

jovens, acompanhando a partir do olhar deles/as, as mobilizações que foram desenvolvidas em seus territórios. Muitas dessas ações foram construídas a partir da educação entre pares, no qual essas jovens lideranças multiplicaram os aprendizados adquiridos durante o curso em suas comunidades e locais de sociabilidade, potencializando a resposta comunitária ao HIV.”

Parte essencial da proposta do Curso de Novas Lideranças era preparar o/a jovem para que se sinta fortalecido para exercer ações nas comunidades onde atuam e também em nível nacional e internacional. Para além do desenvolvimento de ações de controle social do SUS, pretendia-se que os/as jovens também fortalecessem sua participação nos diversos



movimentos e organizações sociais existentes, para que todo o conjunto da resposta à epidemia fosse fortalecido.

A estratégia tinha como desafio construir uma resposta ao HIV que respondesse às demandas de adolescentes e jovens, colocando-os/as em posições de tomada de decisão em relação a temas que afetam suas vidas, como reforça a Diretora do UNAIDS Brasil, Georgiana Braga-Orillard:

“Nós pretendíamos entender qual as perspectivas desses jovens, entender como eles/as pensam e como se relacionam com a questão do HIV. O curso trouxe os/as jovens para perto da resposta e isso ajudou para que a perspectiva fosse mais ouvida. A expectativa era de envolvê-los em um projeto a longo prazo, ou seja, que não seria um curso apenas, mas que houvesse comunicações, que eles se articulassem para desenvolver outras ações e mostrar a evolução da realidade de jovens vivendo com HIV.”

Com o intuito de garantir a continuidade e manter o interesse do/a jovem, e a comunicação dos/as jovens que participaram dos três cursos, bem como expandir o diálogo para jovens que não fizeram parte dos cursos foram utilizadas ferramentas online. Essas ferramentas que passaram a ser utilizadas foram o WhatsApp e o Facebook. Também como uma maneira de melhor se articular, os/as jovens participantes criaram Grupos de Trabalho (GTs). Os GTs foram pensados como espaços para discussões de temáticas específicas. Os GTs criados foram:

- ✓ Estudantes e Profissionais de Saúde
- ✓ Identidade de Gênero
- ✓ Juventude Negra
- ✓ Religiões de Matriz Africana
- ✓ Assuntos Acadêmicos
- ✓ Cristãos pela Diversidade
- ✓ Comunicação
- ✓ Juventude Indígena
- ✓ Saúde Mental e Redução de Danos
- ✓ Arte e Cultura
- ✓ Acolhimento à Pessoas Vivendo com HIV
- ✓ Jovens Gays e HSH

Os Grupos de Trabalho atuam prioritariamente através do WhatsApp e têm o intuito de refletir sobre temas específicos e sua relação com o HIV, compartilhar ações locais e nacionais e também de planejar e implementar campanhas e ações de incidência política nesses campos. Desse modo, a Força-Tarefa Jovem passou a ser integrado por essas diferentes iniciativas facilitadas por e para os/as jovens na resposta ao HIV.



METODOLOGIA

Este documento é o resultado de um processo de avaliação para o reconhecimento dos sucessos e desafios da estratégia de engajamento de jovens na resposta ao HIV. Essa avaliação foi conduzida por um consultor externo em parceria com a organização de jovens Coletivo Mangueiras – Jovens Feministas por Direitos Sexuais e Reprodutivos. O Coletivo Mangueiras foi responsável por realizar uma revisão da metodologia, contribuiu na condução do processo avaliativo e na revisão final deste documento, e também participaram do I Seminário Nacional de Jovens Lideranças para o Controle do SUS no âmbito do HIV/AIDS que aconteceu entre 13 e 16 de outubro de 2016.

A avaliação dessa estratégia se deu a partir da análise dos relatórios trimestrais produzidos pelos/as participantes dos três cursos. Também foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com um total de 26 pessoas, incluindo participantes dos três cursos, considerando diversidade de regiões do Brasil e de históricos de ativismo, e com representantes das agências das Nações Unidas envolvidos assim como também do DIAHV. Também foram analisados documentos relevantes como materiais de comunicação produzidos, edital de seleção e os programas dos três cursos. O resultado final tem o objetivo de proporcionar uma reflexão sobre as atividades realizadas e proporcionar uma análise sobre pontos de atenção para a continuação desse trabalho.

ACOMPANHAMENTO E CONTINUIDADE DAS AÇÕES DOS / AS JOVENS

O processo de criação e implementação da Estratégia foi pensado como uma iniciativa para facilitar a participação de jovens na resposta ao HIV. Parte dos objetivos era responder a demandas específicas, como oferecer informação sobre HIV e AIDS, assim como também como conectar jovens e grupos atuando na resposta ao HIV com jovens interessados/as a contribuir nesse movimento. Ademais, um fator chave desta estratégia foi realmente pensar em ações que falassem diretamente com o/a jovem atual, que levasse em conta a relação que esses jovens têm com o HIV nos dias de hoje.

Desse modo, os cursos foram pensados para que os/as jovens envolvidos/as pudessem dar continuidade e para que realizassem atividades em articulação com outros/as jovens. Ao fim de cada curso, os/as jovens envolvidos puderam pensar em ações que gostariam de implementar no seu contexto e se comprometeram a enviar relatórios quadrimestrais sobre essa implementação. Os/as jovens seguiram em contato com o DIAHV, para onde deveriam enviar esses relatórios. Parte fundamental desse processo de avaliação foi focado em compreender o processo posterior aos cursos, especialmente em relação a essas atividades de engajamento.

Durante o processo de avaliação, foi possível reconhecer quatro áreas chave de sucesso: informação, articulação, relações pessoais e continuidade. E também foi possível reconhecer cinco áreas que apresentaram desafios durante esse processo, especialmente para os/as jovens envolvidos/as nessa estratégia de engajamento: estrutura do curso e de seguimento, recursos, estigma e discriminação, interação com o contexto e sustentabilidade.

SUCESSOS

INFORMAÇÃO

" O CURSO ME PROPORCIONOU, ALÉM DE UMA VISÃO MAIS AMPLA DAS QUESTÕES DE SAÚDE SEXUAL E HIV, UMA REFLEXÃO MUITO MAIS PROFUNDA SOBRE OS IMPACTOS NA JUVENTUDE ATUAL EM SE TRATANDO DE HIV/AIDS, BEM COMO UM ENTENDIMENTO MELHOR DAS RELAÇÕES SOCIAIS E COMO ELAS IMPACTAM NA VIDA DE NOSSA SOCIEDADE, SOBRETUDO DAS PESSOAS QUE FAZEM PARTE DAS POPULAÇÕES-CHAVE, FENÔMENO QUE AS EMPURRAM PARA O DIAGNÓSTICO POSITIVO PARA O HIV. O CURSO TAMBÉM ME PROPÔS UMA MELHOR "MOVIMENTAÇÃO" NO COMBATE À EPIDEMIA, COM CONTATOS EXTREMAMENTE IMPORTANTES PARA ACONSELHAMENTO, TESTAGEM E ACOMPANHAMENTO DE PESSOAS DIAGNOSTICADAS, COM APORTE TEÓRICO E TÉCNICO. ME PROPORCIONOU PARTICIPAR ATIVAMENTE NO CONTROLE SOCIAL E NO DESENVOLVIMENTO DE AÇÕES LOCAIS, VIRTUAIS E PESSOAIS PARA O COMBATE À EPIDEMIA E ÀS DISCRIMINAÇÕES PRESENTES EM NOSSA SOCIEDADE."

Itallon Lourenço, Mato Grosso

O curso proporcionou a vários participantes o acesso a informações básicas sobre HIV, incluindo informações sobre prevenção, diagnóstico e tratamento e sobre a vivência com o HIV. Além disso, o curso também proporcionou informações sobre as novas tecnologias de prevenção, como o uso da PrEP (Profilaxia Pré-Exposição) e PEP (Profilaxia Pós-Exposição). Além das informações básicas, o diálogo com grupos diversos, como populações-chave e estudantes de saúde presentes se mostrou fundamental. Essas informações foram consideradas fundamentais para que os/as jovens pudessem voltar a suas cidades com informações mais precisas e fundamentadas. Ademais, o curso ofereceu espaços para diálogo sobre temas relacionados ao HIV, como saúde sexual e saúde reprodutiva, gênero, direitos humanos, entre outros temas chave.

"PARTICIPAR DO CURSO DE JOVENS LIDERANÇAS FOI O INÍCIO DA MINHA VIDA, ERA UM TEMA QUE EU TINHA POUCO CONTATO E COMECEI A ESTUDAR PORQUE UMA PESSOA PRÓXIMA A MIM DESCOBRIU QUE ERA SOROPOSITIVA. FIZ MUITOS AMIGOS NO CURSO, FOI EXTRAORDINÁRIO. EU COMECEI A PARTICIPAR DE ATIVIDADES COM JOVENS EM QUE A GENTE LEVA INFORMAÇÕES SOBRE IST FAZENDO PALESTRAS, ENTREGANDO INFORMATIVOS E FAZENDO TESTAGENS."

Pamella Bitencourt, Santa Catarina

O terceiro curso teve foco especial em jovens estudantes da área da saúde. Esse foco se mostrou muito produtivo no processo de repensar os/as profissionais de saúde como pessoas distantes e passar a pensar que eles podem ser jovens também. Isso se mostrou importante uma vez que uma das causas mais mencionadas como barreira para jovens acessarem os serviços de saúde era o estigma e discriminação por parte dos profissionais de saúde. Trazê-los para o curso mostrou-se uma estratégia efetiva de aproximar jovens de populações-chave e profissionais de saúde. Também possibilitou reconhecer que profissionais de saúde também podem ser aliados/as, que enfrentam dificuldades e que podem também contribuir na luta por zero discriminação.

"HAVIA MUITO UM DISCURSO QUE OS PROFISSIONAIS DA SAÚDE SÃO MUITO CONSERVADORES, E NÃO SE PENSA NA PERSPECTIVA DOS PROFISSIONAIS, QUAIS AS COBRANÇAS QUE ESSES PROFISSIONAIS TÊM. O PROFISSIONAIS DE SAÚDE TÊM DESAFIOS, SE ELES FOREM SE ATUALIZAR, ELES TÊM QUE FAZER ISSO NO FINAL DE SEMANA. É NECESSÁRIA UMA HUMANIZAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE."

Vitor Venâncio, Distrito Federal

O acesso a debates que ampliassem o diálogo sobre HIV também foi reconhecido como fundamental. A incorporação de temas como gênero, sexualidade, negritude e determinantes sociais foram mencionadas como

fundamentais para uma abordagem à resposta ao HIV que seja integral.

Os/as jovens envolvidos/as nos debates sobre negritude apresentaram como a população jovem e negra é negligenciada e que a falta de dados reforça isso, impossibilitando uma resposta ao HIV que atenda às necessidades específicas dessa população. Ademais, o racismo institucional que muitos jovens negros/as vivenciam impede o acesso a serviços de saúde, implicando diretamente na habilidade desses/as jovens quando vivendo com HIV de aderir ao tratamento antirretroviral.

A falta de abordagem por parte do Estado para uma resposta ao HIV que compreenda as temáticas de gênero e sexualidade também se mostra uma barreira para que jovens gays, HSH, trans e travestis possam acessar informações e serviços sobre prevenção e tratamento. Ademais, fatores sociais, como a baixa renda, foram apresentados como barreiras à aderência de jovens ao tratamento do HIV, uma vez que podem influenciar na habilidade desses/as jovens de irem ao serviço de saúde e de uma alimentação saudável, entre outros aspectos que são essenciais para a aderência.

Todos esses fatores mostram que uma resposta integral necessita considerar os diferentes contextos e atender a essas necessidades específicas desses/as jovens. Para isso é fundamental atuar com profissionais de saúde e populações-chave como entendido pela OMS⁶, mas também considerar o contexto brasileiro e reconhecer como populações prioritárias também a negra, a indígena e a população em situação de rua.

⁶ World Health Organization. (2012). *Guidance on oral pre-exposure prophylaxis (PrEP) for serodiscordant couples, men and transgender women who have sex with men at high risk of HIV: recommendations for use in the context of demonstration projects [Brochure]. Geneva.*

Por fim, o curso proporcionou o diálogo entre grupos, outro fator fundamental para a criação de uma resposta integral. Possibilitar que as necessidades específicas de uma população sejam compreendidas por um grupo amplo de trabalho na resposta ao HIV é essencial.

"EU, COMO TRANS, SEI O QUE UMA TRANS PASSA NO DIA A DIA, MAS UM JOVEM GAY VIVENDO EU NÃO SEI O QUE ELE PASSA. E A TEMÁTICA SOBRE O HIV PRECISA SER COLETIVA. É NECESSÁRIA UMA MAIOR INCLUSÃO PARA DISCUTIR TODOS OS TEMAS, INCLUINDO AS QUESTÕES TRANS."

Alana Hickman, Rio Grande do Norte

"A PARTICIPAÇÃO NO CURSO ME PROPORCIONOU NOVOS OLHARES PARA AS OUTRAS POPULAÇÕES-CHAVE, SOMOS E FICAMOS "LIMITADOS" A SEMPRE LUTAR PELA NOSSA CAUSA, DE INTERESSE OU VIVÊNCIA PESSOAL OU COLETIVA AO NOSSO GRUPO, DEIXANDO À MARGEM A CAUSA DO OUTRO, O CONTATO MESMO QUE POUCO QUE PUDE TER COM OUTROS JOVENS, COMO OS INDÍGENAS E AS TRANS, ATIVOU A VONTADE DE LER, ENTENDER ALGUMAS DAS SUAS GRANDES DIFICULDADES E SUAS PEQUENAS GRANDES VITÓRIAS."

Rafaela Queiroz, Rio de Janeiro.

ARTICULAÇÃO

A estratégia de engajamento teve sempre o foco na articulação, seja a nível local como nacional, e nesse sentido, esse processo possibilitou a criação de inúmeras ações coletivas em diferentes partes do país. As ações de continuidade se deram em articulação com diferentes agentes, sejam eles/as partes dos governos locais, como secretarias de saúde ou hospitais, organizações da sociedade civil trabalhando em temas relacionados ao HIV, negritude, juventude entre outros temas, e com outros/as jovens da cidade e participantes dos cursos.

A possibilidade de se articular foi retratada como uma das questões mais importantes do Curso de Novas Lideranças e do Força-Tarefa Jovem – Zero Discriminação. Essas articulações possibilitaram que projetos e atividades pudessem ser realizados a nível local, estadual e nacional. Ademais, o amplo diálogo com pessoas de diferentes históricos e perspectivas refletiram em uma grande diversidade de ações. Atividades como palestras e grupos de discussão sobre HIV e temas relacionados foram realizadas em universidades, escolas, espaços de saúde em vários estados do país, como Goiás, São Paulo, Rio de Janeiro, Amapá, Pernambuco entre outros.

Os/as jovens mostraram repetidas vezes que o curso foi fundamental para despertar neles/as a vontade de realizar ações como essas como também foi a oportunidade para eles/as aprenderem com mais

profundidade sobre os temas relacionados ao HIV, possibilitando assim estas ações. Ademais, articulações com serviços de saúde foram frequentes, uma vez que os espaços de saúde como postos de saúde, Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA), e hospitais, eram os primeiros lugares que os/as jovens tentavam se articular. Em vários desses casos, parcerias foram possíveis, criando espaços com informação mais acessível a jovens.

"ATRAVÉS DO PROJETO SEMENTES DO BEM, MINISTREI JUNTO COM A ATIVISTA RAFAELA QUEIROZ, TRÊS DIAS DE OFICINAS NA ILHABELA, LITORAL NORTE DE SÃO PAULO A CONVITE DA SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE LOCAL. FALAMOS SOBRE IST, HIV/AIDS, PREVENÇÃO E SOBRE AS NOSSAS VIVÊNCIAS COM O HIV/AIDS. A PARTIR DA CONCEPÇÃO DO PANORAMA ATUAL DA ILHA, TIVEMOS UMA CONVERSA COM PROFISSIONAIS DE SAÚDE, EDUCADORES E JOVENS. A INTENÇÃO DESTES ENCONTROS FOI AMPLIAR O CONHECIMENTO, PERMITIR REVISAR AS IDEIAS JÁ PRECONCEBIDAS, OS ESTIGMAS EM RELAÇÃO À AIDS E ASSIM VIABILIZAR A CRIAÇÃO DE NOVAS POSSIBILIDADES DE ABORDAGENS DE PREVENÇÃO JUNTO À POPULAÇÃO JOVEM LOCAL. FORAM MAIS DE 300 PESSOAS NOS TRÊS DIAS DE ENCONTROS."

Ruggery Gonzaga, Rio de Janeiro

"NA SEMANA SEGUINTE AO CURSO, REALIZEI, JUNTO A OUTROS COLEGAS DE FACULDADE, NA CIDADE DE CANUDO (BA), UMA SEMANA COM AÇÕES DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA GESTANTES DO MUNICÍPIO. FATO QUE ME POSSIBILITOU UMA EXCELENTE OPORTUNIDADE PARA ABORDAR TEMAS COMO: A IMPORTÂNCIA DO PRÉ-NATAL, DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS, REALIZAÇÃO DE TESTES/SOROLOGIAS."

Vinicius Santos, Bahia

Uma outra área de articulação em que vários/as jovens puderam se envolver após os cursos foi a área de incidência política. Os cursos possibilitaram, em diversos casos, articulações junto a ONGs, grupos trabalhando em temas relacionados ao HIV e em espaços políticos de discussão, como o GT UNAIDS, as conferências nacionais de saúde, conferências LGBT, conselhos de saúde, os centros de referência de direitos humanos e de direitos LGBT, assim como em conferências e congressos de temas relacionados. A partir da participação no curso, vários jovens mencionaram que se sentiram mais preparados para participar em espaços de tomada de decisão, assim como se sentiram responsáveis em defender as questões relacionadas ao HIV em espaços políticos.

"NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA, JUNTO AO COLETIVO AQUENDA DE DIVERSIDADE SEXUAL E PARCERIA COM A PROFESSORA SIMONE BRANDÃO, REALIZAMOS O 1 CICLO AQUENDANDO: BABADO, FECHAÇÃO E TRANSFORMISMO, ONDE TROUXEMOS DISCUSSÕES SOBRE BASES DO PENSANDO DA TEORIA QUEER, SUA RELAÇÃO COM OS MOVIMENTOS SOCIAIS LGBT E QUESTÕES DE SAÚDE PÚBLICA, INCLUSIVE HIV/AIDS. CONTAMOS AINDA COM A DISTRIBUIÇÃO GRATUITA DE CAMISAS DA CAMPANHA DE PREVENÇÃO DA SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO DA BAHIA COM O PARCEIRO JURANDIR TELLES MATARAZZO."

Vinicius Zacarias, Bahia

As articulações para ações mais específicas foram retratadas como ainda mais efetivas, como a participação no Dia Internacional da Juventude em 2015, o I Seminário Nacional de Jovens Lideranças, assim como outras campanhas que motivaram os/as jovens envolvidos/as na Força-Tarefa a atuar conjuntamente. O Seminário de Jovens Lideranças foi um ponto marcante para vários jovens envolvidos/as na Força-Tarefa Jovem – Zero Discriminação. O seminário foi apoiado através do edital de eventos do DIAHV e aconteceu em parceria com a ONG Elos. Essa oportunidade de facilitar um processo de fortalecimento das ações da Força-Tarefa que fosse

liderado pelos/as jovens deu aos/às jovens envolvidos/as a chance de demonstrar seu potencial de liderança e de articulação. Ademais, foi a oportunidade para que os/as jovens de diferentes cursos pudessem se conhecer e se articular ainda mais.

As ferramentas online, como WhatsApp, Facebook, Twitter, Google docs e e-mails foram essenciais em viabilizar a realização das ações, em especial as de nível nacional. Além de serem estratégicas para a realização de ações, essas ferramentas também ocuparam um papel importante de espaço de apoio, seja tanto quando algum/a integrante precisava de apoio emocional como também em tirar dúvidas, auxiliar em encontrar soluções para desafios na realização de ações, entre outras questões. Dessa maneira, as ferramentas online foram mais que estratégicas, pois ajudaram a construir um espaço de troca de experiência e auxílio mútuo.

"O SEMINÁRIO FOI MUITO IMPORTANTE PORQUE A UNIÃO DOS TRÊS CURSOS FOI FUNDAMENTAL PARA ESTARMOS ORQUESTRANDO NOSSAS FALAS DE ONDE VEM CADA PESSOA, CADA FALA. É IMPORTANTE O CONTATO NAS REDES SOCIAIS, O CONTATO ONLINE, MAS NÃO PODEMOS PERDER O CONTATO HUMANO, O OLHO-A-OLHO."

Cintia Oliveira, Pernambuco

Os cursos também possibilitaram aos/às participantes conhecer realidades de outros/as jovens em diferentes regiões do país, o que levou a muitos/as deles/as a reconhecer as diferenças de contexto, mas também as similaridades existentes. Esse foi especialmente o caso de questões como os desafios e os tabus que jovens vivenciam tentando acessar o serviço de saúde ou de realizar ações de incidência política em HIV. Esses diálogos foram construtivos e possibilitaram que os/as jovens pudessem pensar em maneiras de se apoiarem e se articularem mais.



"UM ASPECTO POSITIVO SÃO AS INTERAÇÕES, AS REDES QUE A GENTE FAZ EM TODO O BRASIL. A MINHA REALIDADE ERA FOCAL, SOBRE SÓ O QUE ACONTECIA AQUI, POR QUE EU ERA DO NORDESTE, PERNAMBUCO, HISTORICAMENTE MAIS VULNERÁVEL, MENOS FAVORECIDAS. O PESSOAL DE PORTO ALEGRE TAMBÉM TEM REALIDADES PARECIDAS E PENSAR QUE AS ESTRATÉGIAS QUE ELES TÊM LÁ PODEM SER USADAS AQUI, E QUE SOMOS TODOS JOVENS E PODEMOS COMPARTILHAR ESSAS EXPERIÊNCIAS."

Cintia Oliveira, Pernambuco.

RELAÇÕES INTERPESSOAIS

O curso foi especialmente importante para possibilitar o estabelecimento de novas relações afetivas entre jovens de diversas partes do país atuando na resposta ao HIV. A experiência de conhecer pessoas de outros lugares do país, com outras experiências e vivências, vindas de outros históricos de ativismo possibilita, além de uma troca na área profissional, o estabelecimento de relações interpessoais, de amizade, de proximidade e parceria. Esses relacionamentos são fundamentais para estabelecer uma rede de apoio e atuação para que essa estratégia de engajamento seja sustentável. O estabelecimento de novas amizades é chave quando se trabalha temas que comumente são carregados de estigma e discriminação, como HIV, direitos LGBT, negritude, entre outros.

"A POSSIBILIDADE DE APRENDER COM OUTRAS PESSOAS É ÓTIMA. É MUITO RICO FAZER UM DIÁLOGO COM VÁRIAS PESSOAS DO BRASIL TODO, ISSO É O QUE É MAIS POTENTE A NÍVEL DE EXPERIÊNCIAS EXITOSAS, COMPARÁ-LAS ENTRE UNS E OUTROS. O PROJETO ACABOU, MAS AS PESSOAS NUNCA VÃO ACABAR OU SE SEPARAR, EU TENHO CONTATO HOJE COM O BRASIL TODO PARA ME APOIAR E CRIAR AJUDA, A CONSTRUÇÃO DA REDE NACIONAL FOI O ASPECTO MAIS POSITIVO."

Luis Fernando, Ceará



Ademais, os cursos foram também a oportunidade de vários/as participantes de conhecerem jovens vivendo com HIV, o que os/as ajudou a desconstruir preconceitos e possibilitou o estabelecimento de relações de amizade, apoio e trabalho coletivo entre jovens vivendo e convivendo com HIV.

"POR MAIS QUE, POR VEZES, A GENTE DISCUTA, FALE E TENDE MUDAR O PANORAMA SOCIAL, É DIFERENTE QUANDO VOCÊ VIVENCIA E DIALOGA COM AS PESSOAS QUE DE FATO SOFREM O PRECONCEITO E VIVEM O ESTIGMA, E O PROBLEMA DA FALTA DE MEDICAMENTO. É NESSE MOMENTO QUE VOCÊ COMPREENDE AS QUESTÕES SOCIAIS QUE ENVOLVEM AS PESSOAS QUE ESTÃO VIVENDO COM HIV. ESSA TROCA, ESSE DIÁLOGO FOI PARA MIM O ASPECTO MAIS POSITIVO DO CURSO. PARA MIM, FOI O IMPULSOR PARA QUE EU DISSESSE QUE DE FATO QUERO PARTICIPAR DESSA LUTA SOCIAL NO CONTROLE DO HIV/AIDS."

Vinicius dos Santos, Bahia

CONTINUIDADE

A continuidade das ações para além dos dias dos cursos foi estratégico e muito valorizado por todos/as. O apoio proporcionado pelo escritório do UNAIDS e pelo DIAHV durante um ano posterior aos cursos foi fundamental para a realização das atividades nos meses seguintes assim como na manutenção da continuidade dos diálogos com as instituições envolvidas, como UNFPA, UNESCO, UNICEF e os próprios UNAIDS e DIAHV. O processo de comunicação das atividades realizadas, apresentadas através dos relatórios também foi reconhecido como uma oportunidade de continuidade que contribui para a realização de mais atividades ao longo dos meses.

"O CURSO ME PROVOCOU PARA ME MOVIMENTAR, ME PROVOCOU PARA ASSUMIR UMA LUTA, ME MOBILIZOU PARA FAZER A DIFERENÇA NO MUNDO. EU JÁ TINHA MUITOS PENSAMENTOS E AÇÕES VOLTADAS PARA O ÂMBITO SOCIAL, MAS O CURSO ME MOBILIZOU PARA ME ORGANIZAR POLITICAMENTE."

Talita Rodrigues, Pernambuco

Ademais, foi possível reconhecer como ao longo dos cursos os/as jovens foram aumentando sua liderança no processo, incluindo através do envolvimento de jovens dos cursos posteriores como facilitadores/as dos cursos seguintes e também na organização e facilitação do I Seminário Nacional de Novas Lideranças. A experiência de organização do I Seminário Nacional de Novas Lideranças foi algo importante para os/as jovens envolvidos/as nessa Estratégia, tanto para poder se articular e trabalhar coletivamente, como também para exercer seu poder de tomada de decisão.

A oportunidade de participar do Seminário também foi colocada como muito importante no fortalecimento do Força-Tarefa Jovem, mas também para contribuir para a construção da ideia de ser um grupo unido, que

ainda que seja diverso e tenha discordâncias trabalha por um objetivo coletivo. O aumento da participação de jovens nos processos de decisão dessa Estratégia, em especial em relação à Força-Tarefa e aos cursos, foi extremamente valorizado pelos/as jovens envolvidos/as.

Outro fator importante no processo de continuidade foram os/as jovens que puderam participar de outros espaços de tomada de decisão e influência para o avanço e reconhecimento dos direitos dos/as jovens. Alguns exemplos são jovens que passaram a integrar os conselhos de saúde, associações locais, estaduais e nacionais, grupos organizados entre outros espaços fundamentais para a criação de uma resposta ao HIV que defenda e promova os direitos da população jovem.



"HOJE SOU COORDENADORA DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS EM AÇÃO (ATRAÇÃO) E CONSELHEIRA DE ÉTICA DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (ANTRA) E ESTAR DENTRO DESSES ESPAÇOS, OCUPANDO ESSES CARGOS REPRESENTAM MINIMAMENTE PARA MIM UM RECONHECIMENTO ENQUANTO UMA JOVEM LIDERANÇA, E ISSO É FRUTO E INVESTIMENTO DE VOCÊS."

Arianne Senna, Bahia



ESTRUTURA DO CURSO E SEGUIMENTO

Como apresentado, o curso possibilitou o diálogo sobre diversos temas essenciais nos debates em torno da resposta ao HIV/AIDS e possivelmente por isso as agendas dos cursos foram percebidas como muito extensas e sem muito espaço para discussão. Em vários momentos, os/as jovens encontraram barreiras na participação. Durante algumas partes dos cursos, o curto tempo somado com a grande quantidade de conteúdos dificultou com que os/as jovens pudessem participar como gostariam. O processo de construção dos cursos foi aumentando a participação de jovens ao longo da implementação da estratégia. Ainda assim, jovens relataram que mais espaço para contribuir e maior flexibilidade para abarcar as suas contribuições dos/as jovens poderiam auxiliar os debates dos cursos. As metodologias adotadas nos cursos diferiram relativamente, e foi bastante presente nesse processo que os/as jovens apreciaram mais aquelas que puderam facilitar mais a participação dos/as jovens.

Outra questão foi o pouco espaço para se discutir os planejamentos de cada participante do curso. Durante todo o processo, as ações de continuidade foram pontos-chave. Pensar ações que fossem além dos cursos era crucial, porém os/as jovens relataram que o tempo disponibilizado para esse planejamento e para o compartilhamento desse planejamento entre os/as participantes não foi suficiente.

"MUITAS VEZES, OS MOMENTOS DE DISCUSSÕES FORAM CORTADOS POR CAUSA DO TEMPO. EU AUMENTARIA O TEMPO DE DISCUSSÃO E DIMINUIRIA O TEMPO DAS PALESTRAS, PORQUE APESAR DESSAS PALESTRAS SEREM INFORMATIVAS E INTERESSANTES, É PRECISO QUE HAJA TAMBÉM UM MOMENTO PRA NOSSA TROCA DE EXPERIÊNCIAS E PRA TIRAR DÚVIDAS TAMBÉM."

Pamella Bitencourt, Santa Catarina

Os processos de relatoria posteriores ao curso foram colocados como muito importantes, porém, a dificuldade de uso dessas ferramentas de relatoria foi outra barreira presente no processo. Para alguns jovens, os relatórios não possibilitavam que pudessem compartilhar os desafios, pois estavam muito orientadas às atividades realizadas.

INTERAÇÃO COM O CONTEXTO LOCAL

Após os cursos, muitos jovens relataram que se sentiram mais empoderados/as e mais bem informados/as para desenvolverem ações na resposta ao HIV em seus contextos locais. Porém, quando voltaram a suas cidades, uma série de desafios dificultou a implementação das ações que haviam

planejado, como a falta de outros/as jovens para se articular, a dificuldade de dialogar com os gestores em saúde, e até mesmo a falta de serviços de saúde sobre HIV que os/as jovens pudessem acessar.

"QUANDO EU VOLTEI, FIQUEI PERDIDA E ENVERGONHADA SEM SABER COMO ME ARTICULAR. QUANDO AS OUTRAS PESSOAS DAS OUTRAS FORMAÇÕES VOLTARAM FOI MELHOR, POIS JÁ SE TORNOU UM GRUPO E TÍNHAMOS MAIS APOIO."

Jovem mulher não identificada

Um dos mais recorrentes desafios foi a interação com o sistema de saúde local, ao retornar a suas cidades, vários jovens entraram em contato com as secretarias de saúde e/ou serviços de saúde especializados em HIV, porém a falta de resposta era frequente. Ademais, também foi grande o número de vezes que os/as jovens enfrentaram discriminação por serem jovens e serem vistos como pessoas que não poderiam contribuir com aquele processo, programa ou projeto.

"O PRINCIPAL DESAFIO É CONSEGUIR APOIO DO ESTADO E DO MUNICÍPIO QUANDO RETORNAMOS. NÓS EXPLICAMOS QUE SOMOS JOVENS LIDERANÇAS E VIEMOS TRABALHAR

JUNTO COM ELES, MAS FICAMOS UM POUCO SOLTOS. ATÉ ELES ACEITAREM E NÓS TERMOS UMA INSERÇÃO NESSES LUGARES É BEM DIFÍCIL."

Vanessa de Santana, Bahia.

Desse modo, ainda que os jovens houvessem desenvolvido planos e pensado ações que poderiam realizar em suas cidades, era complicado antecipar os desafios, como por exemplo o envolvimento com profissionais de saúde, pois a maioria dos jovens não tinha essa relação com eles/as anteriormente. O envolvimento em espaços políticos locais, como os conselhos de saúde, também se mostrou extremamente desafiador, especialmente para jovens que não tinham apoio de outros/as jovens já que apenas ele/a havia participado do curso. A falta de outros/as jovens que pudessem criar uma rede de articulação e apoio foi algo que dificultou em muitos contextos a implementação das ações planejadas. Esse relato, reforça a necessidade de um processo de fortalecimento da Estratégia a nível local, como o exemplo de São Paulo de 'localização' do "Curso de Novas Lideranças" para fortalecer a base de jovens atuando na resposta naquele local específico.

A falta de acesso a serviços básicos como camisinha, testes rápidos e acompanhamento médico ao tratamento de HIV foram fatores que dificultaram a participação de jovens e o envolvimento de outros/as jovens em ações locais, uma vez que essas barreiras levavam os/as jovens a ficarem descredenciados/as das possibilidades de mudança no sistema. Esse contexto representou uma barreira para todos/as os/as jovens, porém em níveis diferentes, e reforçou a necessidade de ações de incidência política mais intensas e articuladas para garantia de acesso de jovens a informação, prevenção e tratamento.

RECURSOS

" TENTEI CRIAR UM PROJETO JUNTO COM OUTRO INTEGRANTE DO CURSO, DE COMO SE FOSSE UMA RODA DE CONVERSA TEMÁTICA PRA FALAR DA QUESTÃO DE VIVER COM HIV, TRATAMENTO E ETC. NÓS CONSEGUIMOS O ESPAÇO E QUE O DIRETOR DO HOSPITAL ONDE QUERÍAMOS FAZER APOIASSE A IDEIA, MAS POR FALTA DE DINHEIRO MESMO PRA PASSAR O DIA COMPLETO LÁ, NÓS DESISTIMOS DO PROJETO."

Rafaela Queiroz, Rio de Janeiro

Os/as jovens que participaram dos três cursos planejaram inúmeras ações e tinham interesse em realizar ainda mais. Porém, para a realização dessas ações são necessários recursos de estrutura, financeiro, e de pessoas. Todos esses três tipos foram de difícil acesso a muitos dos/as jovens que participaram do curso. Alguns dos/as jovens não tinham local para se reunir, para outros a falta de recursos financeiros para implementar as ações foi o maior desafio, ainda que houvessem conseguido apoio institucional as limitações financeiras impactavam negativamente os planos. E para quase todos/as a falta de apoio financeiro pessoal foi definitivo para que as ações fossem canceladas ou adiadas. A dificuldade de grupos de jovens em acessar recursos para a implementação de projetos na área de direitos humanos é algo sistemático. Os requerimentos

de estrutura jurídica, ou habilidade de captação de recursos, manutenção de projetos entre outros fatores dificultam que grupos informais de jovens possam acessar fundos para implementação de seus projetos. Ademais, os recursos disponíveis para área de direitos humanos na resposta ao HIV é menos que 1% da resposta global ao HIV, no Brasil não é diferente⁷. Esse contexto é ainda somado à dificuldade de ONGs no Brasil de acessarem recursos devido ao enquadramento do Brasil como país de renda média alta⁸, o que coloca as iniciativas lideradas por jovens em uma posição de extrema dificuldade de conseguir recursos. A experiência de muitos dos/as jovens envolvidos/as na Estratégia reforçou essa situação.

Ademais, jovens enfrentam muitas dificuldades em conseguir um emprego ou uma fonte de renda para conseguir aliar as ações de ativismo e sua vida pessoal, dessa maneira é extremamente comum que jovens ativistas sejam forçados a desistir das ações por necessidade de trabalhar em outras áreas para conseguir cobrir seus custos de vida. Essa é uma barreira frequente e que determina fortemente as possibilidades de sucesso de implementação das atividades propostas.

" NO MOMENTO AGORA, EU ESTOU NO OIAPOQUE E ME FOCANDO MAIS EM ATIVIDADES POR AQUI, POIS EU TENHO TAMBÉM DESAFIOS, FALTA DE APOIO, TEMPO, RECURSO, E AINDA TENHO UNIVERSIDADE, TRABALHO, E NESSE SENTIDO FICA BEM DIFÍCIL".

Jean Carlos dos Santos, Amapá.

ESTIGMA E DISCRIMINAÇÃO

" UM GRANDE DESAFIO FOI ME ABRIR SOBRE O TEMA DO HIV/AIDS, NA MINHA COMUNIDADE, NA QUAL DISCUTO TODO O DIA. MAS TRAZER ESSE DIÁLOGO TAMBÉM É DESAFIADOR. ENTÃO ME ABRIR PARA O ASSUNTO E DISCUTIR ISSO ABERTAMENTE É O MAIS COMPLICADO."

Jovem homem anônimo

O debate sobre HIV ainda é um tabu. Estigma e discriminação ainda estão presentes em diversas formas, e impactam a vida de jovens vivendo ou não com o vírus. Muitos/as jovens relataram como trabalhar com o tema leva muitas pessoas em suas cidades a pensar que eles/as estão vivendo com o vírus ou que o/a jovem propondo um debate sobre HIV pensa que, ele/a, convidado a participar da atividade, está vivendo com o vírus. Independentemente da situação, ambos os casos mostram que a falta de informação e o medo do diálogo continuam sendo determinantes para aumentar o estigma e a discriminação das pessoas vivendo com HIV. Ainda que saibamos disso, e que haja um trabalho para zero discriminação, é importante reconhecer os desafios específicos de jovens que atuam em cidades pequenas e com alto índice de desinformação sobre HIV. Assim como também discutir temas relacionados ao HIV pode ser especialmente desafiador e gerar impactos a nível pessoal.

⁷ Red Umbrella Fund. (2014). *Funding for sex worker rights [Brochure]*. Amsterdam.

⁸ Brazil Data. (2016). Retrieved January 10, 2017, from <http://data.worldbank.org/country/brazil>.

"O DESAFIO MAIOR TEM SIDO CONVERSAR COM OS JOVENS GAYS SOBRE O ASSUNTO, POR QUE SE SENTEM MUITO RETRAÍDOS, POR QUE SENTEM QUE O FATO DE EU ESTAR FALANDO COM ELES É POR QUE ESTOU ESTÁ ACHANDO QUE ELES SÃO SOROPOSITIVOS. E ACHANDO QUE SÓ POR QUE ESTÃO NUMA FORMAÇÃO É POR QUE ELES TÊM HIV, E ACHAM QUE JÁ ESTÃO SENDO TACHADOS COMO POSITIVOS."

Jean Carlos dos Santos, Amapá

Ademais, o estigma e a discriminação sobre HIV ou por viver com HIV é algo ainda muito presente entre jovens, profissionais de saúde e nas comunidades. Estigma e discriminação ainda se mostram uma das maiores barreiras para se discutir o HIV abertamente.



SUSTENTABILIDADE

De acordo com o Caio Oliveira do UNICEF:

“O principal desafio de cara é a sustentabilidade, de certa forma eles voltam para as bases com muito conhecimento e muito estimulados, mas talvez não encontrem o terreno preparado com os governos locais, o que falta ainda é haver uma conexão entre o que eles aprenderam e a aplicação disso junto aos governos locais. A sugestão é que haja representação de gestores municipais, para que todo esse conhecimento tenha uma aplicabilidade de forma prática.”

A sustentabilidade das ações também foi uma questão que ganhou a atenção dos organismos assim como dos/as participantes dos cursos. A organização de cursos como esses requerem um volume considerável de recursos e de trabalho, e garantir a sustentabilidade da continuação de um projeto como esse se apresentou como fundamental, mas também como um desafio. O curso ofereceu acesso a uma grande quantidade de informações-chave para a realização de ações na resposta ao HIV, porém os/as jovens participantes precisam de estratégias que eles possam colocar em prática e possam compartilhar esse conhecimento. Garantir que as ações planejadas serão implementadas e continuadas em um longo prazo é um dos desafios mais recorrentes e que possuem diversos fatores, principalmente fatores externos, que aumentam essa dificuldade.

A unificação dos/as participantes dos três cursos como apenas um grupo e que possa também receber outros/as jovens que não integraram nenhum dos cursos também é um desafio. As plataformas online têm auxiliado nesse processo, assim como o I Seminário Nacional de Novas Lideranças, porém ainda é algo

que se coloca como um desafio para a manutenção e fortalecimento da Força-Tarefa Jovem.

Desse modo, a unificação e a atenção à sustentabilidade da Força-Tarefa Jovem – Zero Discriminação se colocam como pontos determinantes para a garantir que a articulação tanto a nível local como nacional possa continuar. Também se colocam como fundamental para que outros/as jovens possam passar a integrar a iniciativa garantindo que o processo de apoio ao desenvolvimento de novas lideranças continue. Ademais, pensar em estratégias alternativas, como a localização dos cursos, ou ações locais que possam compartilhar os conhecimentos aprendidos assim como expandir a Força Tarefa Jovem também se apresentaram como fundamentais para a sustentabilidade.

**FORÇA-TAREFA
JOVEM ZERO
DISCRIMINAÇÃO:
ATÉ O FIM
DA EPIDEMIA**

**"ENTÃO EU VOLTEI PRA MOSSORÓ COM
UMA BAGAGEM DE INFORMAÇÕES E MUITAS
HISTÓRIAS DE SUCESSO QUE VOU LEVAR
PARA VIDA. "**

Alana Hickman, Rio Grande do Norte

**" ESPERO QUE ESSAS OPORTUNIDADES NÃO
SE FECEM. PRA GENTE ESSES ESPAÇOS
SÃO MUITO IMPORTANTES, E PRO BRASIL
TAMBÉM, E PRA CONSTRUIRMOS POLÍTICAS
PÚBLICAS".**

Talita Rodrigues, Pernambuco

A estratégia de engajamento de jovens na resposta ao HIV foi proposta e implementada como parte de um processo que tem o objetivo de ser contínuo e sustentável. É nítido durante todo o processo de avaliação como essa estratégia tem sido bem-sucedida e tem criado impactos nas vidas de jovens em diversas regiões do Brasil. Mas também é possível perceber como a Estratégia ainda possui alguns desafios que precisam de mais atenção. Como parte de uma estratégia contínua é fundamental pensar em áreas de fortalecimento e sustentabilidade. Alguns pontos que foram colocados como estratégicos nesse processo são apresentados a seguir.

✓ FORTALECER A FORÇA-TAREFA COMO ALGO CONTÍNUO:

Essa estratégia foi idealizada para abrir caminhos à participação de novas lideranças na resposta ao HIV, mas que também possam dialogar com outros atores que já atuam na resposta ao HIV de uma maneira contínua e aliada. Sendo assim, fortalecer a Força-Tarefa como algo contínuo é uma maneira para garantir que jovens possam continuar participando efetivamente dos processos que afetam suas vidas.

✓ PENSAR OBJETIVOS COLETIVOS COMO FORÇA-TAREFA:

Ainda que a Força-Tarefa Jovem seja um grupo extremamente diverso e sua riqueza seja pautada por essa diversidade, é também importante que haja objetivos coletivos, para que as pessoas que integram a Força-Tarefa Jovem possam se identificar com o processo o qual estão contribuindo.

✓ INVESTIR NA LIDERANÇA DESSES JOVENS NAS AÇÕES SEGUINTE:

É preciso reconhecer o potencial de liderança de jovens também nos processos de planejamento, de implementação e continuação de estratégias como a Força-Tarefa Jovem, por isso é fundamental reconhecer o direito de participação nesses espaços de tomada de decisão referente a esses processos.

✓ GARANTIR QUE OS/AS JOVENS POSSAM ACESSAR RECURSOS FINANCEIROS:

As ações contínuas planejadas durante os cursos e posteriormente necessitam de apoio, assim como a atuação dos/as jovens precisa também ser reconhecida como trabalho. A articulação com outras organizações e redes é fundamental para garantia da implementação assim como é também necessário garantir que os/as jovens possam acessar a recursos financeiros que garantam, a nível individual e coletivo, a implementação das ações em resposta ao HIV.

✓ APOIO CONTÍNUO DO DIAHV E DAS AGÊNCIAS DA ONU:

A participação desses organismos tem se mostrado estratégico para o apoio na realização dos cursos assim como também no apoio à realização das ações de seguimento. Esse apoio é visto como algo que deve continuar, mas respeitando a autonomia e o processo de tomada de decisão dos/as jovens.

✓ FORTALECER AS INTERSECÇÕES DOS TEMAS RELACIONADOS À RESPOSTA AO HIV:

A abordagem integral proposta durante os cursos e também na criação dos Grupos de Trabalho temáticos foram representadas como grande sucesso e efetividade na discussão com grupos locais.

✓ **UNIÃO DOS JOVENS QUE ATUALMENTE INTEGRAM A FORÇA-TAREFA JOVEM E EXPANSÃO PARA ENVOLVER OUTRAS PESSOAS:**

Os cursos foram o primeiro passo para o fortalecimento da resposta jovem ao HIV, agora é necessário que hajam ações para a integração desses jovens que fizeram parte do curso e também para envolver outros/as jovens que ainda não fazem parte da Força-Tarefa Jovem, mas que têm interesse em participar.

✓ **CONTROLE SOCIAL COLETIVO:**

Articulações a nível local e nacional de controle social foram o centro dessa estratégia e têm se mostrado cada vez mais importantes. Investir em ações de controle social como rede de proteção, canais de denúncia, ações de incidência política assim como parcerias com o poder local se apresentou como a maneira mais eficaz para garantir que os direitos de jovens sejam respeitados no contexto da resposta ao HIV.

✓ **PARTICIPAÇÕES COLETIVAS:**

A Força-Tarefa Jovem se beneficia das ações em coletividade, por isso os exemplos que apresentaram mais sucesso foram aqueles em que articulações nas cidades foram possível, principalmente quando havia mais de um/a participante daquela cidade. Investir em participações coletivas, com mais de uma pessoa de cada cidade, pode gerar impactos mais fortes e contínuos.

✓ **METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS E ESPAÇOS DE TROCA DE EXPERIÊNCIAS:**

A vontade dos jovens de participar muito comumente se pauta na possibilidade de ter sua voz escutada e sua experiência de vida valorizada. Metodologias participativas que possibilitam esses espaços são essenciais para que os/as jovens se sintam parte do processo. Ademais, os/as participantes dos três cursos possuem históricos de vida extremamente diversos, espaços em que eles possam se ajudar, se apoiar e compartilhar habilidades para ações coletivas podem gerar maior impacto na resposta ao HIV no nível local assim como nacional.

✓ **CURSOS DE JOVENS LIDERANÇAS:**

Os cursos foram oportunidades únicas para muitos desses/as jovens, e portanto, é fundamental que espaços como esses continuem, levando em consideração as metodologias participativas propostas e o espaço para articulações coletivas. Os cursos podem ser repensados a níveis local, estadual ou nacional, contanto que esses espaços continuem a ser criados para o envolvimento de jovens na resposta ao HIV.

No contexto atual em que vivemos em um mundo que tem mais de 30 anos de epidemia e que tem como o objetivo o fim da epidemia, jovens se encontram em um espaço desafiador. Muitos desses jovens não vivenciaram os anos iniciais da epidemia, mas são diariamente afetados/as pelo HIV, não podendo

assim visualizar o fim da epidemia. Nesse contexto, os jovens tornam-se fundamentais para mudar esse panorama, e ações como a Força-Tarefa Jovem devem se fortalecer, se ampliar, e valorizar a cada dia mais a voz e a participação jovem para enfim alcançarmos o fim dessa epidemia.



